

# Ensino com melhor qualidade

*Americanos entregam direção das escolas públicas a pais e líderes comunitários na busca da excelência em educação*

**D**ecidir se a escola do filho terá uniformes ou não. Ou que aulas extras ele terá — música, artes, línguas? — e quantas horas em sala de aula por dia. Decidir se é preciso contratar mais professores, mandá-los fazer cursos, comprar computadores ou construir um novo ginásio. Tudo isso numa escola pública. Impossível, diriam aqueles pais que matriculam seus filhos no ensino público brasileiro. Mesmo que as escolas tivessem recursos para fazer tudo isso, a burocracia impediria qualquer mudança. Às vezes é difícil até mesmo fazer pequenas reformas, como pintar paredes ou construir um muro.

As amarras não são exclusivas do ensino brasileiro. Nos Estados Unidos as complicações são parecidas. Foi entre os americanos que surgiu, então, uma nova modalidade de ensino público, a *Charter School*, que está mudando a relação entre secretarias e escolas.

Não se trata de nenhuma criação mirabolante. A *Charter* simplesmente passa o comando da escola para pais, professores e líderes comunitários. A decisão sobre currículo, investimentos e o que é melhor para as crianças daquela escola é feita lá dentro, e não vem pronta das secretarias de Educação. “Nós temos bom ensino público, mas precisamos transformá-lo em excelente”, explica Joe Nathan, diretor do Centro para Reforma da Educação da Universidade de Minnesota, estado pioneiro na criação das *Charters*.

As escolas continuam sendo financiadas pelo poder público. O que as diferencia das demais é o contrato que elas assinam com as secretarias ou departamentos de educação. Nele, está explícito quais são os objetivos da escola, o que ela pretende atingir, quantas crianças pretende ensinar.

O contrato permite que essas instituições fiquem livres da regulamentação das escolas normais. Podem mexer nos currículos, na organização das séries, tomar suas próprias decisões sem precisar esperar pela secretaria. Ao invés de receber livros previamente comprados pelo poder público, a merenda, material didático e o pagamento dos professores, os recursos são repassados diretamente para a escola, de acordo com o número de alunos matriculados.

## FINANCIAMENTO

Na maior parte dos estados americanos que permitiram a criação das *Charters* — para fazê-lo foi preciso aprovar legislação própria — o repasse de recursos não é o mesmo das escolas públicas normais. Normalmente, são 15% a menos por aluno. Mas as *Charters* — ou escolas alternativas, como são chamadas no estado de Nova York — podem ser financiadas também por grupos privados, religiosos ou receber qualquer tipo de doação, o que ajuda a mantê-las

sem que os pais tenham que pagar para seus filhos estudar.

Os recursos são geridos, então, a partir do conselho que dirige a instituição. Ele decide o que é necessário fazer para a escola. “Podemos, assim, desenhar uma escola que atenda às necessidades daquela comunidade, daquelas crianças”, explica Nathan.

A maior parte das *Charters* americanas, segundo um estudo de 1998, reflete o público da região em que atua. Elas não são, portanto, diferentes das demais escolas públicas. Mas apresentam resultados melhores, principalmente quando tratam de crianças em situação de risco — que já repetiram de ano ou abandonaram a escola. Algumas das melhores instituições públicas hoje são escolas que deixaram de ser estatais regulares para se transformar em *Charter*. “Temos resultados fantásticos com crianças consideradas em situação de risco”, revela Nathan.

Um exemplo dos resultados conseguidos pelas *Charters* é o da *Vaughan Next Century Learning Center*, em Los Angeles (Califórnia). Dos 1.140 alunos da *Vaughan*, 95% são de origem hispânica, e 83% têm conhecimento limitado de inglês. Mesmo assim, nos últimos cinco

anos as médias dos estudantes cresceram 330%.

Hoje existem cerca de 1.100 *Charters Schools* em todo o país, mais de quatro vezes o número de escolas registradas em 1996. Apesar da resistência inicial — principalmente por parte dos governos estaduais —, as escolas alternativas continuam crescendo. “E crescem por que com elas as pessoas têm condições de fazer alguma coisa, transformar seus sonhos em realidade”, afirma Nathan.

Esse desejo de melhorar a escola para seus filhos é, segundo ele, um dos três itens que permitem que as escolas surjam. Os outros dois são que a escola passa, então, a cobrar ação e responsabilidade de pais e professores, já que seus resultados dependem diretamente do envolvimento da comunidade. O terceiro ponto é a necessidade de melhor escolas para famílias de baixa renda. “Há muito menos opções de boas escolas para essas famílias, e elas merecem ter mais chances”, explica Nathan.

Por essas razões, ele acredita que o modelo, apesar de essencialmente americano, pode ser aplicado no Brasil ou em qualquer outro lugar. “Vocês se preocupam com uma educação pública melhor? Acreditam em dar mais oportunidades para pessoas pobres, em assumir responsabilidade pelas mudanças?”, pergunta. “Então o Brasil também pode adotar as *Charters*.”

## AUTORITARISMO

Cosete Ramos, doutora em educação e especialista em qualidade total, afirma que as *Charters* seriam a solução para a educação pública do país.



“O problema é que o nosso sistema é extremamente autoritário, tudo vem de cima para baixo e com pouco debate”, diz. “Para adotar as *Charters* teríamos que nos livrar dessa cultura ditatorial.”

Nas escolas públicas brasileiras tudo é centralizado. Merenda escolar, livro didático, tudo sai do governo federal. Atualmente, o dinheiro da merenda é repassado para que as escolas ou municípios façam suas compras. Os livros são escolhidos pelo professor, mas comprados pelo Ministério da Educação.

Mas o maior problema que as es-

colas brasileiras teriam que vencer é a falta de organização das próprias comunidades. Em muitos casos, não há nem mesmo conselhos escolares ou associações de pais e mestres. “O brasileiro acostumou a pensar que os problemas da comunidade tem que ser resolvidos pelo governo”, diz Cosete.

E a falta de envolvimento pode decretar a falência de uma *Charter School*. Nos Estados Unidos, houve casos de escolas que fecharam ou não atingiram as metas estabelecidas para ter sua qualidade certificada. Na maior parte dos casos porque não fo-

ram encaradas com a necessária seriedade por pais e pela comunidade.

“Estabelecer uma *Charter* não é apenas fazer um programa educacional. É preciso criar formas de medir a aprendizagem, ter objetivos e um plano de gerenciamento muito claro”, explica Nathan. Uma escola dessa natureza pede muito mais dos pais e professores do que simplesmente colocar crianças na sala de aula e esperar que o governo resolva os problemas. Mas também pode dar muito mais em troca do que o ensino que existe hoje nas escolas públicas.